



SECRETARIA DA EDUCAÇÃO
8ª COORDENADORIA REGIONAL DE EDUCAÇÃO
SANTA MARIA – RS
COLÉGIO ESTADUAL MANOEL RIBAS
CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DISCIPLINA DE HISTÓRIA
ATIVIDADE DOMICILIAR – 1º ANO – L e M
PROFESSOR: Luciano Scheffer



ATIVIDADE 03
TEMA: CIVILIZAÇÃO EGÍPCIA – CULTURA E RELIGIÃO

Prezado(a) Aluno(a),

Para a atividade anterior (2), foram anexados textos auxiliares e um link para vídeo. Eles novamente serão utilizados para esta nova proposta de Atividade Domiciliar. Caso não consigas assistir o vídeo, não te preocupes, basta que faças uso dos textos auxiliares e/ou de quaisquer materiais de História de que disponhas.

- I- Poderás reassistir ao vídeo: *A História da Tradição Ocidental - 02 - Os antigos egípcios*, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-emlZ4p5vlc> [acesso em 20 de abril de 2020].
- II- Servindo-te dos materiais sugeridos ou de que possas usar:
1. Dentre as classes de maior prestígio no Antigo Egito estavam a dos escribas e a dos sacerdotes.
 - a. Quais atividades eles desenvolviam?
 - b. Por que eram tão respeitados?
 2. Qual a relação entre a religião, mumificação e medicina egípcia?
 3. A Astronomia e a Matemática foram as primeiras ciências que tomaram a atenção dos egípcios. Ambas voltavam-se a fins práticos. Para que os egípcios usavam dos conhecimentos dessas ciências?
 4. Por que a Arte e a Religião, no Antigo Egito, estavam tão ligadas uma à outra?
 5. Caracterize, em termos gerais, a Arquitetura e a Escultura do Antigo Egito.
- III- O texto abaixo é um extrato da Confissão de Maat (A Deusa egípcia da Verdade e da Harmonia) encontrada no capítulo 125 do Livro dos Mortos dos egípcios antigos. Os egípcios tinham uma religião ética e acreditavam que as almas dos homens tinham destinos conformes às suas atitudes durante a vida terrena. Lê com atenção e escolhe uma frase ou mais e faz, por escrito, uma breve reflexão sobre.

“(...) Por Ti destruí a maldade. Não fiz mal a seres humanos Não oprimi os membros da minha família. Não pratiquei o mal no lugar do direito e da verdade. Não convivi com homens indignos. Não exigi consideração especial. Não decretei que um trabalho excessivo fosse feito para mim. Não apresentei meu nome para enaltecimento. Não privei de bens os oprimidos. Não fiz ninguém chorar. Não causei dor a nenhum ser humano ou animal. Não espoliei os Templos de suas oferendas. Não adulterei os padrões de medida. Não invadi campos alheios. Não usurpei terras. Não adulterei os pesos da balança para enganar o vendedor. Não fiz leitura errada do fiel da balança para enganar o comprador. Não afastei o leite da boca das crianças. Não fechei a água num momento em que ela devia correr. Não repeli a Deus em suas manifestações.(...)”

Fonte: ORDEM ROSACRUZ-AMORC <https://www.amorc.org.br/confissao-a-maat/> acessado em 20 de abril de 2020.

Link para textos: enviados juntos à atividade 02

Todos verificados em 20 de abril de 2020.

<https://www.coladaweb.com/historia/civilizacao-egipcia>

<https://www.coladaweb.com/historia/sociedade-egipcia>

<https://www.coladaweb.com/artes/arte-no-egito-antigo>

TEXTO AUXILIAR

Civilização Egípcia

Por: Wilson Teixeira Moutinho

Localizada no nordeste do continente africano e orbitando as margens do rio Nilo, a civilização egípcia começou a ser estruturada por volta de 10000 a.C. com a organização de grupos familiares de agricultores que se associavam, realizando inúmeros trabalhos necessários à atividade produtiva.

Com o tempo, estruturas de poder foram melhor aparelhadas, houve o estabelecimento de hierarquias e uma codificação, a princípio oral, das regras e das funções de cada integrante da comunidade humana ali formada. Tais núcleos de civilização deram origem aos nomos que dividiam o espaço agricultável daquela área localizada no meio do deserto.

Aos poucos, os nomos se uniram e formaram dois reinos: o Baixo Egito (ao norte, no delta do Nilo) e o Alto Egito (ao sul).

A história do Egito Antigo divide-se em Antigo Império, Médio Império e Novo Império, intercalados por períodos de invasões e crise política.

Antigo Império (± 3200 a.C.-2000 a.C.)

Por volta de 3200 a.C., Menés (ou Narmer), do Alto Egito, conquistou o Baixo Egito, tornando-se o primeiro faraó, palavra que significa “casa grande”, e sua primeira tarefa foi estabelecer a supremacia sobre todas as outras casas, iniciando o período dinástico.

Menés, estabeleceu a capital em Tínis, no Alto Egito. Mais tarde, a capital foi transferida para Mênfis, atual Cairo, capital do Egito.

Os faraós desse período passaram a acumular os poderes político, religioso e militar, tornando-se senhores de todos os homens, donos de todas as terras e considerados deuses vivos na Terra.

O Antigo Império é também conhecido como a época das grandes pirâmides porque, nesse período, os faraós Quéops, Quefren e Miquerinos construíram as grandes pirâmides de Gizé.

A partir de 2300 a.C., os nomarcas (governadores dos nomos) se revoltaram contra a autoridade faraônica, e o Egito foi envolvido por guerras internas e grave crise social.

Médio Império (2000 a.C.-1580 a.C.)

A autoridade do faraó foi novamente estabelecida, por volta de 2000 a.C., pelos príncipes tebanos, após as vitórias sobre os nomarcas.

A capital, que era sediada em Mênfis, passou para Tebas. A paz interna foi restabelecida e o exército foi reorganizado. Nesse período, a Palestina e a Núbia (ao sul), regiões ricas em cobre e ouro, foram conquistadas.

Entre 1800 a.C. e 1700 a.C., povos vindos da Ásia, os hicsos, invadiram o Egito e tomaram o poder, graças ao uso de armas de ferro e de cavalos nos combates.

Durante o domínio hicsos, os hebreus entraram no Egito e ali se fixaram livremente.

Com a expulsão dos hicsos (± 1580 a.C.), os hebreus foram escravizados, até que Moisés liderou o povo rumo à Terra Prometida, em 1250 a.C., num episódio relatado na Bíblia como Êxodo.

Novo Império (1580 a.C.-670 a.C.)

A restauração do poder do faraó egípcio foi realizada pelos príncipes de Tebas, que lideraram a expulsão dos hicsos. O Novo Império ficou conhecido pelo imperialismo e militarismo, graças às inovações técnicas na arte bélica, introduzidas pelos hicsos (cavalos e armas de ferro).

Além do caráter expansionista do Novo Império, vale destacar a tentativa de reforma religiosa promovida por Amenófis IV, que, por volta de 1375 a.C., unificou todos os deuses em um, simbolizado pelo disco solar – Aton, com o objetivo político de diminuir o poder sacerdotal que ameaçava o poder do faraó. Construiu uma nova capital, Akhetaton, a cidade do Sol, e mudou o próprio nome para Akhenaton, “o filho do Sol”.

Após sua morte, subiu ao trono Tutankamon, que governou por pouco tempo. Em seu curto período, os sacerdotes recupera-

ram o antigo prestígio e poder, restauraram o culto ao deus Amon e o politeísmo foi restabelecido.

Ramsés II e Tutmósís III foram os últimos grandes faraós do Novo Império. Retomando a política imperialista, Tutmósís III entrou em guerra com os hititas e assinou a paz com os assírios.

Após a sua morte, a civilização egípcia entrou em decadência por vários fatores: seus sucessores não conseguiram controlar

as disputas internas pelo poder, os ataques e as invasões no delta do Nilo prejudicaram as colheitas, aumentando a fome e a miséria, e as revoltas populares se tornaram frequentes devido aos impostos abusivos e ao clima de instabilidade geral.

Em 670 a.C., os assírios invadiram o Egito; em 525 a.C., os per-

sas; em 332 a.C., Alexandre, da Macedônia; por fim, em 30 a.C., os romanos.

Organização política

O faraó era considerado um deus vivo, filho de Amon-Rá, o deus Sol, e a encarnação de Hórus, o deus Falcão. Por isso, o Egito formava uma teocracia, isto é, o governo de deus, governo de origem divina.

O faraó, responsável pelo equilíbrio da natureza e pela defesa do Egito, era senhor das terras e dos homens. Comandava o exército, coordenava as atividades econômicas e presidia o Tribunal de Justiça.

Para auxiliar o faraó, havia um numeroso corpo sacerdotal, cujos poderes e privilégios chegavam a ameaçar o próprio faraó, os funcionários reais, que fiscalizavam as obras, coletavam os impostos e mantinham a escrituração em dia, e os militares que cuidavam da defesa do território.

A economia na civilização egípcia

A economia agrícola baseava-se no cultivo de trigo, cevada, linho, algodão, frutas e legumes. Dedicavam-se também à criação de animais. Para o aproveitamento das águas do rio, eram necessárias grandes obras públicas para a construção de canais de irrigação, diques e reservatórios, as quais eram de responsabilidade do faraó que, por meio de seu poder supremo de deus vivo, convocava toda a população para o serviço.

O Estado, por meio de seus funcionários reais, cobrava impostos da população em forma de produtos e serviços.

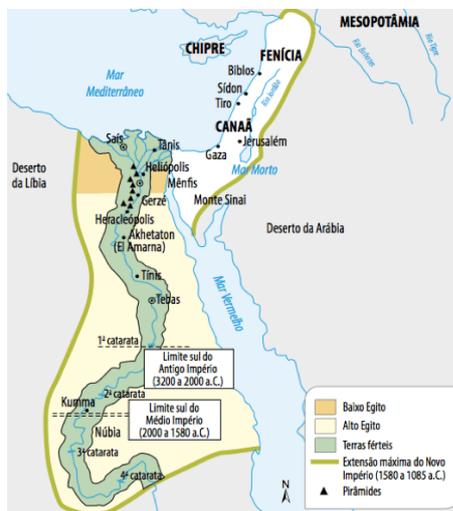
Uma planta que crescia em abundância, nas margens do Nilo, deu origem a uma importante fonte de renda para o Egito: o papiro.

Os egípcios fabricavam papel com os talos dessa planta e mantiveram o monopólio até o século XII d.C. O papiro, utilizado em cestos, sandálias e cordas, era considerado uma planta sagrada, símbolo do Baixo Egito.

A fim de enfrentar a confusão causada pela cheia anual do Nilo, elaboraram os rudimentos da geometria, dando origem aos estendedores de cordas, atuais agrimensores, que aplicavam os métodos da geometria para traçar de novo as divisas das propriedades apagadas durante a cheia.

Sociedade egípcia

A sociedade egípcia era rigidamente hierarquizada e organizada para trabalhar em função das necessidades do Estado personificado no faraó, o deus vivo, que ocupava o topo da pirâmide social.



Abaixo do faraó, encontravam-se as camadas privilegiadas que constituíam o Estado com o faraó: sacerdotes, nobres, oficiais militares e altos funcionários, que cuidavam da administração e da arrecadação, assim como os escribas, responsáveis pela escrita e contabilidade do reino e pela fiscalização das obras coletivas.

Em seguida, vinham artesãos, trabalhadores da cidade e camponeses.

Por último, a base da pirâmide social era composta por escravizados, em geral prisioneiros de guerra utilizados nos trabalhos em minas e pedreiras.

Durante o período das cheias do Nilo, o povo era requisitado para trabalhar em grandes obras públicas, por exemplo a construção de diques e canais de irrigação. Além disso, eram convocados para trabalhar em túmulos e palácios.

Religião na civilização egípcia

Os egípcios eram politeístas, isto é, acreditavam em vários deuses, os quais personificavam forças da natureza e eram representados metade em forma humana e metade em forma animal, isto é, figuras antrozoo-mórficas (forma humana e animal); em forma animal (zoomórfica) ou em forma humana (antropomórfica).

Amon-Rá, o deus mais importante, representava o Sol e o criador do mundo. Na realidade, ele era uma fusão de Amon, deus de Tebas, e Rá, deus de Heliópolis. O faraó representava a encarnação de Hórus, deus Falcão.

Osíris e Ísis, os mais populares, simbolizavam a fertilidade e o renascimento. Osíris era representado pelo rio Nilo e era também o deus dos mortos (Nilo nas cheias e na estiagem).

A religião no Antigo Egito estava profundamente ligada a todos os aspectos da vida: desde o faraó, que era um deus vivo, às enchentes do Nilo, tudo era considerado manifestação dos deuses.

Ao morrer, os egípcios acreditavam que a alma seria julgada por Osíris e o coração deveria pesar menos que uma pluma para se alcançar a vida além-túmulo, livre de dores e doenças.

Essa crença na imortalidade da alma e na necessidade do corpo no além favoreceu o desenvolvimento de técnicas de conservação do cadáver, por meio da mumificação. Os corpos embalsamados eram enterrados junto com seus pertences: alimentos favoritos, roupas, joias, utensílios etc. e um exemplar do *Livro dos mortos*.

Graças a essa crença, arqueólogos e historiadores puderam levantar muitos aspectos da vida egípcia. Os túmulos variavam de acordo com a condição econômica e social do morto. A arte funerária egípcia produziu grandes maravilhas que resistem até os dias atuais, como as pirâmides de Gizé, as máscaras e os sarcófagos de Tutankamon e de outros túmulos.

A arte egípcia

A arquitetura e a escultura se desenvolveram graças à religião e se caracterizaram pelo gigantesco. Elas visavam, em seus aspectos, à vida após a morte, marcando para a eternidade a força e o poder dos faraós.

Dentre os templos, os mais famosos são os de Luxor e Carnac.

Os templos, os túmulos e as esculturas foram decorados com hieróglifos e pinturas, cujos murais retratavam cenas religiosas, militares e do dia a dia.

No artesanato, destacaram-se a marcenaria e a ourivesaria (arte de trabalhar com ouro e prata).

Escrita e literatura

Eram três os sistemas básicos de escrita: o hieroglífico, o hierático e o demótico.

Os hieróglifos passaram a ter dupla finalidade: de um lado, eles transmitiam uma mensagem por meio do texto, louvando os deuses, glorificando os feitos dos faraós e da classe dominante, narrando cenas domésticas e festivas e, de outro, serviam como elemento de decoração das paredes de templos, túmulos, estátuas e palácios.

O registro escrito era feito em pedra, ouro, madeira ou papiro. Na literatura, destacou-se o *Livro dos mortos*. A escrita demótica era a mais simplificada e o hierático ficava na linha intermediária.

As ciências na civilização egípcia

O desenvolvimento científico nos campos da astronomia e da matemática tinha fins práticos.

Os cálculos eram utilizados para prever as cheias do Nilo, dividir as terras aráveis, calcular os impostos e as construções hidráulicas e, dessa maneira, civis, e, por meio deles, foram desenvolvidas a aritmética, a geometria e a álgebra.

O ano de 365 dias baseava-se no Sol e dividia-se em três estações: inundação, semeadura e colheita.

Se na astronomia e na matemática a civilização egípcia não atingiu o nível dos babilônios, na medicina, o progresso foi notável.

O papiro cirúrgico de Edwin Smith revela como os médicos egípcios procediam. O documento descreve cuidadosamente 48 casos de lesões físicas, da cabeça até a espinha dorsal: os tipos, a localização, o interrogatório médico, os exames, os testes e as recomendações de tratamento.

A fama dos médicos egípcios atravessou fronteiras, chegando às Cortes da Síria, Assíria e Pérsia.

Esse desenvolvimento se explica pela prática da mumificação, que favoreceu o estudo do corpo humano.

Organização da sociedade egípcia

A sua organização era bastante eficiente, porém a forma na qual ela era distribuída era bastante injusta. As funções dos grupos sociais e das pessoas eram bastantes determinados, não havendo, em regra na maior parte das vezes, mobilidade social alguma.

As pessoas que detinham menos poderes eram obrigadas a respeitar aqueles que estavam no cargo logo acima, por isso, essa maneira eficiente de organização possibilitou que os egípcios perdessem muito tempo dentro as civilizações mais desenvolvidas do mundo.

Vamos dar início à divisão social da civilização egípcia, para isso, será elencado alguns representantes dos grupos para mostrarmos quais eram as suas características principais.

FARAÓ

Este estava no topo da pirâmide social da civilização. Ele tinha a função de comandar toda a população. Os seus poderes eram totais, visto que além de tudo era o representante de deus na terra, e também, conseqüentemente, considerado um deus.

Sua função divina dava a ele poder teocrático. A população acreditava que para se ter sucesso material na vida era preciso agradecer e promover festas para o governante.

O seu poder era pouco contestado pela população. Visto que como ele era considerado um deus, as pessoas tinham medo de serem castigadas.

Os impostos recolhidos do povo eram todos guiados para o Faraó e sua família. Assim, essas pessoas viviam de forma luxuosa e também com muita mordomia, ao contrário do resto da população.

SACERDOTES

Estes representantes de deus estavam apenas abaixo do Faraó na organização social do Egito Antigo. Suas responsabilidades tangenciavam os rituais, as festas e também as atividades religiosas. Todas as características e particularidades dos deuses egípcios eram sabidas por eles.

A sua mediação entre deus e a civilização trazia enormes benefícios os sacerdotes. Podendo assim, conseqüentemente, ter alguns privilégios dentro desta sociedade.

Sua importância era tão grande que muitos corpos de sacerdotes foram preservados – através da mumificação – e colocados dentro de pirâmides.

CHEFES MILITARES

Para uma poderosa e rica civilização era preciso algumas pessoas que preservasse a integridade material e territorial. Esses chefes militares eram encarregados da segurança das pessoas e, principalmente, do faraó e de sua família.

O seu destaque era ainda maior em momentos de guerra. A sua preparação passava por inúmeras tarefas: desde a organização até a prática efetiva.

ESCRIBAS

Detentores do conhecimento da escrita hieroglífica, estes também tinham enorme prestígio social. Os escribas eram responsáveis pelo registro dos acontecimentos, e também da vida do faraó.

COMERCIANTES

Estes também detinham certa importância na sociedade egípcia. Eles eram os responsáveis por trazer mercadorias escassas na região para dentro do Egito. Isso trazia certo prestígio

gio a essa importante função.

ARTESÃOS, CAMPONESES e SOLDADOS

Esses são a parte menos privilegiada da sociedade egípcia. As suas tarefas eram geralmente muito grandes e os seus ganhos relativamente pequenos. Essa é uma das razões da sociedade egípcia ser tão desigual.

ESCRAVOS

Não tinham direito algum, os escravos, geralmente, eram obtidos através das guerras e batalhas que a civilização egípcia saía vencedora. Eles trabalhavam muito e não recebiam praticamente nada. Na sociedade egípcia, eram desprezados.

Por: *Claudio Armelin Melon*

Arte no Egito Antigo

É importante entender que a religião é responsável pelo desenvolvimento da arte egípcia. Os egípcios eram norteados pela religiosidade, pela crença em deuses e na vida após a morte, considerando esta mais importante do que a vida terrena.

A grande preocupação do povo egípcio era garantir conforto, em especial a seus soberanos (faraós e sacerdotes), após sua morte.

Obras de arte impactantes e sua extraordinária arquitetura foram realizadas com a finalidade de render glórias e eternizar o espírito humano após a morte. Todos os bens terrenos eram depositados em câmaras mortuárias, com a intenção de serem desfrutados na eternidade.

A arte também foi um canal de demonstração do poder político dos faraós, exaltando suas conquistas, retratadas em hieróglifos, que também assumiam funções de elementos de decoração arquitetônica, sendo esculpidos nas colunas e fachadas dos templos a fim de eternizar tais feitos.

A obsessão pela imortalidade fez com que a arte egípcia reproduzisse técnicas artísticas e padrões estéticos por cerca de 3 mil anos. Essa permanência levou ao desenvolvimento da matemática, da literatura e das ciências médicas, sendo também fundamentais para compreender a grandiosidade dessa civilização.

Arquitetura no Egito Antigo

A religiosidade do povo egípcio moveu e alimentou a construção de monumentais obras arquitetônicas.

As mais significativas e emblemáticas são os templos, que eram edificações usadas para realização de cultos oficiais aos deuses e para exaltar os faraós e seus túmulos, nomeados pelos egípcios como moradas eternas, que se apresentam divididos em três categorias.

- Pirâmide – túmulo destinado ao faraó.
- Mastaba – túmulo em formato trapezoide, que abrigava os representantes da nobreza e da classe sacerdotal.
- Hipogeu – túmulo destinado às pessoas comuns.

Em suas “moradas”, o indivíduo passava a desfrutar de sua existência eterna, para a qual havia se preparado durante toda a vida.

As obras arquitetônicas mais famosas são as pirâmides do deserto de Gizé, erguidas por importantes faraós do Antigo Império: Quéops, Quéfren e Miquerinos.

As bases das pirâmides possuem formato quadrangular, e elas eram construídas com enormes blocos de pedras lapidadas, que pesam em torno de vinte toneladas e atingem a altura de dez metros por dez metros de largura.

Sua entrada dianteira aponta para a estrela polar, que concentra sua “força” sobre a múmia do faraó, disposta em uma câmara funerária com seus pertences, protegidos por túneis e caminhos que formam um verdadeiro labirinto.

Próximo a essas três pirâmides, localiza-se a Esfinge, concebida com corpo de leão (força) e com cabeça humana (sabedoria), uma possível representação da face do faraó Quéfren, danificada pela erosão e pelas depredações islâmicas praticadas a partir do século VIII. Sua criação, provavelmente, tinha como objetivo afastar possíveis maus espíritos do Vale dos Reis e, em especial, das pirâmides reais.

Karnak e Luxor são os templos mais significativos, ambos dedicados ao deus Amon e construídos no Novo Império, período de apogeu do poder e da cultura egípcia.

Como aspecto artístico mais importante, destaca-se um novo tipo de coluna decorada com motivos da natureza local, como a flor de lótus, a flor de papiro e da palmeira. Antes delas, as colunas construídas não possuíam base, tinham estrutura simples, apresentando pouco trabalho no capitel (a parte superior da coluna).

É o tratamento artístico dado ao capitel o responsável pela classificação das colunas, que assumem os formatos da vegetação típica da região.

Como características gerais da arquitetura egípcia, temos a conservação e a solidez, a perpetuidade, a regularidade geométrica, a apropriação de elementos da natureza, a enigmabilidade e a inacessibilidade.

Escultura no Egito Antigo

Com a necessidade de imprimir na pedra a ilusão da imortalidade para atender a propósitos religiosos, a escultura no Egito Antigo procurou transmitir uma atitude serena, desvinculada de qualquer sinal de emoção.

Os artistas evitavam formas protuberantes, construindo-as com materiais muito resistentes, como o diorito e o granito, para que não houvesse quebra e danos. Mantinham, na representação da imagem dos soberanos, uma expressão carregada de força e majestade, exagerando as proporções do corpo.

Os escultores egípcios também se dedicavam a produzir *usciabtis*, miniaturas das imagens funerárias, esmaltadas em verde e azul, cuja função era substituir o faraó morto nas tarefas mais árduas do além.

Apresentavam-se, por vezes, cobertas de inscrições hieroglíficas em baixo-relevo, que, em sua grande maioria, eram pintadas, assim como também se fazia ao recobrirem paredes e colunas, imprimindo seu estilo por todo o ambiente.

Pintura no Egito Antigo

A pintura desempenhou poderosa função junto à esfera mística e religiosa do povo egípcio. Os pintores estabeleceram regras artísticas rígidas, que permaneceram inalteradas ao longo do tempo, reforçando a busca do efeito de permanência e imutabilidade. Dentre as principais convenções desse estilo, podemos enumerar:

- a inexistência das três dimensões;
- o desconhecimento da profundidade;
- a pintura “chapada”, aplicando-se uma cor de cada vez, sem matizes de claro-escuro, consequentemente sem sinal de volume;
- o uso da “lei da frontalidade” que estabelece a representação da figura com tronco e olhos de frente e o restante do corpo em perfil.

Com base nessas regras, esperava-se que a pintura representasse as pessoas de forma idealizada, negando qualquer tentativa de representação realística ou natural do ser humano e das divindades.

Ao observarmos a pintura no Egito Antigo, percebemos que estamos observando uma representação, pois seus idealizadores esforçaram-se por evidenciar essa característica.

Além de evocar o elemento religioso, a pintura egípcia também procurava representar a hierarquização da sociedade, associando um tamanho maior àqueles de maior importância social, na seguinte ordem de grandeza: o faraó, sua esposa, os sacerdotes, os militares e o povo.

A pintura também foi a principal responsável pelo desenvolvimento da escrita a partir da evolução dos desenhos, adquirindo forma pictográfica, variando conforme seu grau de complexidade:

- hieroglífica – considerada uma escrita sagrada;
 - hierática – uma escrita mais simples, utilizada pela nobreza e pelos sacerdotes;
 - demótica – uma escrita popular.
- Por: Wilson Teixeira Moutinho